



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

O corpo-máquina do Outro-imigrante: migração e alteridade em *o apocalipse dos trabalhadores*, de Valter Hugo Mãe

The body-machine of the Other-immigrant: migrations and otherness in *o apocalipse dos trabalhadores*, by Valter Hugo Mãe

Rafaella Cristina Alves Teotônio¹

Resumo: Este artigo procura analisar a construção do personagem Andriy, o imigrante ucraniano em *o apocalipse dos trabalhadores* (2013), romance do autor português Valter Hugo Mãe. Procura-se entender como a alteridade entre o personagem imigrante e a personagem empregada doméstica, Quitéria, revela as condições de sujeitos marginalizados pelo trabalho e o drama da imigração no Portugal contemporâneo. Ao discutir sobre imigração, alteridade, cultura e subalternidade, este trabalho apoia-se nas considerações de Lourenço (2016), Mezzadra (2011), Sayad (1998), Landowski (2002), Bakhtin (2011) e Santos (1993).

Palavras-Chave: Personagem; alteridade; imigração; Portugal, subalternidade.

Abstract: This article seeks to analyze the construction of the character Andriy, the Ukrainian immigrant in *o apocalipse dos trabalhadores* (2013), a novel by the Portuguese author Valter Hugo Mãe. It seeks to understand how the otherness between the immigrant character and the domestic worker character, Quitéria, reveals the conditions of subjects marginalized by work and the drama of immigration in contemporary Portugal. When discussing immigration, otherness, culture and subalternity, this work is based on the considerations of Lourenço (2016), Mezzadra (2011), Sayad (1998), Landowski (2002), Bakhtin (2011) and Santos (1993).

Keywords: Character; otherness; immigration; Portugal, subalternity.

¹ Doutora em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco e Mestre em Literatura e Interculturalidade pelo PPGLI-UEPB. Atualmente é professora adjunta de Literaturas em Língua Portuguesa na Universidade de Pernambuco (UPE – Campus Mata Norte) e pesquisadora do CELLUPE (Centro de Estudos Linguísticos e Literários da UPE) e do ERAS (Estudos sobre Representações, Alteridades e Subjetividades). Tem experiência no ensino e pesquisa em Teoria da Literatura, Literaturas em Língua Portuguesa, Literatura Comparada, literaturas contemporâneas, Literaturas africanas, questões de gênero e sexualidades na literatura, autoria feminina e representações de minorias pela Literatura.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Introdução

No começo dos anos 2000, houve uma migração massiva de pessoas do Leste Europeu para Portugal. A entrada de imigrantes provenientes da Ucrânia foi intensa e paralela à demanda de mão de obra na construção civil. Muitos imigrantes ucranianos chegaram a Portugal com o auxílio de agências de viagens, que viram na facilidade de ingresso no país lusitano um bom negócio, e os incentivaram a migrarem em busca de melhores condições de vida e maiores oportunidades de trabalho (BAGANHA, MARQUES e GÓIS, 2009). Esse fato ancora-se na história do personagem Andriy, o imigrante ucraniano em *o apocalipse dos trabalhadores* (2013), romance do escritor português Valter Hugo Mãe. Vindo de Korosten, o personagem desse romance parte para o “país das flores”, como chama Portugal, em busca de trabalho e dinheiro, deixando a mãe, Ekaterina, a cuidar do pai, Sasha, que padece de uma enfermidade psicológica. Em Bragança, ele trabalha exaustivamente em busca de dinheiro para mandar à família, mas também na tentativa de aliviar a saudade e a tristeza pela distância dos pais e de sua terra natal.

A alteridade é um tema chave nessa obra, pois é a partir do encontro entre Andriy e a empregada doméstica Quitéria, ambos marginalizados pelas vidas desgastantes de trabalho, que a trama discorre sobre a possibilidade e a impossibilidade do amor em um mundo cada vez mais hostil e desigual. Nesse sentido, a alteridade desenvolve-se em *o apocalipse dos trabalhadores* (2013) como uma relação de troca entre dois sujeitos que, nos termos de Eric Landowski (2002), constroem e desconstroem suas identidades a partir da diferença que os separa. O romance de Valter Hugo Mãe busca discutir sobre as condições de sujeitos subalternos na Europa Contemporânea, onde os países Portugal e Ucrânia assemelham-se pela posição marginalizada neste continente. Andriy e Quitéria representam não apenas as condições de sujeitos marginalizados que vivem nas cidades dos países menos desenvolvidos



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

da Europa, mas suas identidades dialogam com as construções identitárias dos seus países, que são ilustradas pelo drama íntimo desses personagens.

Nessa perspectiva, o artigo procura analisar a construção do personagem Andriy enquanto sujeito imigrante, buscando compreender como a alteridade entre o personagem imigrante e a personagem empregada doméstica, Quitéria, revela as condições de sujeitos marginalizados pelo trabalho. Em *o apocalipse dos trabalhadores* (2013) a condição do sujeito imigrante é representada em diálogo com a cultura de Portugal e da Ucrânia, ilustrando uma crítica sobre a exploração da força de trabalho imigrante na Europa Contemporânea.

O país das flores

Na procura por adaptar-se ao modo de vida português e à nova língua que tem que aprender para sobreviver no país estrangeiro, em *o apocalipse dos trabalhadores* (2013), Andriy conhece Quitéria, uma mulher a dias², e os dois começam uma relação que a princípio é mantida pelo sexo, mas que desemboca no amor, à medida que eles, em suas rotinas exaustivas de trabalho, compreendem que necessitam um do outro. É a partir da relação com Quitéria que a construção do personagem Andriy se torna mais densa, sendo possível observar a ilustração do sujeito imigrante, pois é principalmente pelo diálogo quase mudo com Quitéria, pela impossibilidade de fala de Andriy, que o narrador constrói a subjetividade do personagem. Nesta relação de alteridade, em que o personagem Andriy ora é o outro, ora o eu, vê-se o olhar acerca do sujeito imigrante, assim como o olhar sobre a cultura portuguesa. Valter Hugo Mãe constrói um rosto para o imigrante, criando, para sua migração, uma história de subjetividade:

² Expressão para designar a profissão de empregada doméstica em Portugal.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

o andriy encostou-se um pouco à parede azul, junto à janela. através da cortina via quase nada do que lá fora se passava, recebia apenas a luz, como se ali pudesse mudar de pele, ser outro. e a quitéria dizia-lhe que ele, de pele tão clara, podia ser um albino num país como portugal. (MÃE, 2013, p.43)

A cena traduz a sensação de apaziguamento que a chegada a Portugal traz a Andriy, assim como mostra a marca da diferença entre os dois personagens. Depois de deixar o sofrimento que vivia com a família, naquele país, Andriy pode sonhar com a possibilidade de ser outro, “mudar de pele”, alcançar a felicidade. O trecho infere a pensar sobre o que Mikhail Bakhtin (2011) conceitua como *exotopia*, uma experiência de olhar para fora de si, ou seja, uma experiência de alteridade. Para Bakhtin (2011), os sujeitos ocupam lugares situados e possuem visões localizadas, mas os seus corpos, quando contemplados por outros, mostram imagens inacessíveis a si mesmos. É nesse sentido que a alteridade é traduzida como uma experiência própria ao humano. Nas palavras de Bakhtin (2011):

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2011, p.23).

Todo sujeito necessita de outro para construir a sua identidade, a compreensão sobre o *eu* passa pela compreensão do *outro* sobre o *eu*. O conceito de identidade, explorado nas palavras de Eric Landowski (2002), dialoga com esse processo:

O que dá forma a minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a alteridade do outro, atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. Assim, quer a encaremos no plano da vivência individual ou como será o caso aqui – da consciência coletiva, a emergência do sentimento de “identidade” parece passar necessariamente pela intermediação de uma “alteridade” a ser construída. (LANDOWSKI, 2002, p.4).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Na narrativa de *o apocalipse dos trabalhadores* (2013), o encontro entre Andriy e Quitéria representa não apenas a união de duas pessoas que, na medida em que se conhecem transformam-se, mas significa também o encontro entre duas culturas atravessadas pelos lugares sociais desses personagens, ambos trabalhadores. Para dar vida ao drama dos imigrantes do leste europeu, Valter Hugo Mãe relacionou a condição de subalternidade do personagem Andriy, em um país como Portugal, à história de Quitéria, empregada doméstica, profissão também subalternizada.

No romance, percebe-se que a construção do personagem imigrante explora uma ideia sobre a migração que vai além do senso comum. Quem migra parte em busca de algo melhor em uma terra estrangeira. Andriy parte em busca de melhores condições de emprego, de obter um bom salário para sustentar a família, mas também quer se distanciar da realidade sofrível que vivia por conta da doença do pai. Este sentimento de fuga ilustrado pela sua história de vida é a primeira relação que o leitor fará entre a personalidade de Andriy e a sua imigração. Assim, Valter Hugo Mãe, ao contar a história desse sujeito imigrante, busca um enfoque na subjetividade, aliando-se à compreensão sobre a situação de migração que Sandro Mezzadra (2011) discute com o conceito de “direito de fuga”:

Se a fuga surge quase sempre como categoria antipolítica, ela evoca também outras conotações, como a aventura, a partida à descoberta, a fome de viver. Encontra-se sempre associada aos conceitos de movimento e de inquietação. Tem constituído um dos instrumentos básicos de recusa da banalidade e da rotina da vida quotidiana e das suas sufocantes restrições. A fuga tem sido assim uma via privilegiada para aceder à subjetividade, um caminho para a liberdade e independência. (MEZZADRA, 2011, p.315).

É uma fome que rege a partida de Andriy, uma fome de viver que marca a sua subjetividade e o impele a procurar exaustivamente trabalho no “país das flores”. Na narrativa, arquitetada em cenas transpostas que remetem ao passado e ao presente dos personagens, como em um *flashback* cinematográfico, o drama da família de Andriy na Ucrânia é a primeira imagem dada ao leitor, antes das cenas do personagem em Portugal:



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

precisava de criar melhores condições de vida, fugir à miséria da Ucrânia, mas fora-se embora sobretudo pela sua própria sanidade, sonhando ser um jovem minimamente normal, ocupado com a sobrevivência a partir de uma fome menos louca, uma fome física e nunca mental. o andriy dizia-lhe, aqui vamos ter sempre uma fome mental, somos um país esfaimado dentro da cabeça. a grande fome ucraniana não acabou. eu quero comer. eu quero comer. (MÃE, 2013, p. 79-80)

Pelo relato da fome mental e física de Andriy, o leitor passa a conhecer um pouco a sua história de partida e entender o seu “direito de fuga”. História que se mistura ao contexto histórico e social da Ucrânia e que ganha, no encontro entre Andriy e Quitéria, a aproximação entre dois países que, contemporaneamente ligados pela situação de migração, são aparentemente distintos. Assim como Andriy e Quitéria, que, impossibilitados de uma comunicação mais fluída, parecem não ter nada em comum, as histórias desses dois países dialogam a partir das perspectivas e afetos desses dois personagens:

o que esperava encontrar era um qualquer modo de ganhar dinheiro, convicto de que acabaria nas obras, como todos os outros, a cansar-se e apressar-se consoante a impiedosa direção de um português maldisposto. mas, de café em café, a primeira oportunidade apareceu-lhe logo ali, naquela noite, como o sonho de vir para Portugal lhe teria dito, que em tal país haveria muito emprego, coisas de braços, porque os portugueses já não se queriam matar a fazer nada. (MÃE, 2013, p.55)

Para Andriy, os portugueses não querem rotinas esgotantes de trabalho. O trabalho braçal das construções civis fica por conta dos imigrantes ucranianos, fato que condiz com a realidade do país que viu na imigração um meio de encontrar mão de obra barata. A perspectiva de Andriy sobre a imigração em Portugal dialoga com as perspectivas de outros personagens. Assim, é construído na narrativa um diálogo entre o modo como os imigrantes – no caso, Andriy e os outros personagens do leste – veem a imigração e o país lusitano, e o modo como os portugueses veem os imigrantes e a cultura de outro país, a Ucrânia. Pode-se perceber, pela fala do personagem Augusto, o olhar do português diante do outro imigrante,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

que dialoga com a fala de Andriy sobre o intenso fluxo de imigrantes do leste europeu a Portugal, no começo do século XXI:

fui ver as obras, dizia, estão cada vez mais cheias de homens do leste, desesperados e dispostos a carregar com os camiões aos ombros para sobreviverem. os do leste, continuava ele, são uns resistentes que nos hão de lixar a vida a todos, porque são mais espertos, mais fortes e estão desesperados. (MÃE, 2013, p.15).

A exposição desses temas na narrativa busca a compreensão da identidade portuguesa na contemporaneidade a partir da história dos sujeitos imigrantes e de suas relações de alteridade com os nativos. A abordagem sobre uma possível falta de interesse dos portugueses pelo trabalho braçal, menor, das construções e fábricas, ancora-se no fato histórico da imigração de sujeitos do leste e é uma crítica à exploração da força de trabalho dos imigrantes no país lusitano, tema que também é discutido por Eduardo Lourenço (2016) em seu ensaio sobre a identidade portuguesa, *O labirinto da saudade*:

Não trabalhar foi sempre, em Portugal, sinal de nobreza e quando, como na Europa futuramente protestante, o trabalho se converte por sua vez em sinal de eleição, nós descobrimos colectivamente a maneira de refinar uma herança ancestral transferindo *para o preto* essa penosa obrigação. É mesmo essa autêntica essência dos *Descobrimientos*, o resto, embora imenso, são adjacências. Hoje, com o suspeito “ilitchismo” a servir de farol progressista, esta colectiva fuga ao trabalho tem ares de profecia *à rebours*, serve de conforto aos herdeiros da fabulosa exploração do suor do próximo que tão lírica e contemplativa disposição lusa supunha e supôs e, sob outras formas, continua a supor. (LOURENÇO, 2016, p. 157).

O diálogo entre as duas visões, a do imigrante e a do nativo, revela mais do que impressões distintas sobre culturas, trazendo à tona a ambiguidade das relações entre sujeitos e culturas periféricas. Ucrânia e Portugal são países que estão na periferia da Europa e veem-se de forma ambígua quanto ao seu passado e presente. Não é por acaso que Valter Hugo Mãe escolhe esses dois países para refletir sobre a contemporaneidade, não somente pela situação migratória que liga estas duas culturas no presente, mas também porque ambos se posicionam como periféricos no continente europeu.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Desse modo, a partir das cenas e dos diálogos entre os personagens, é possível observar como essas duas culturas se veem refletidas em suas identidades. O modo como os personagens nativos compreendem o personagem imigrante, Andriy, revela a ambiguidade dessa relação. Há tanto um desprezo quanto um desconhecimento que marcam a função do imigrante em um país como Portugal, ou seja, a de trabalhador braçal, mas também um elogio à diferença. Um país, como Portugal, que se vê entre uma fratura dos sentimentos de orgulho e inferioridade, percebe o outro, no caso, o imigrante do leste europeu, entre esses dois sentimentos. Essa relação remete à discussão sobre a colonização portuguesa como uma estratégia de afirmação de grandeza cultural perante o *Outro-colonial*. A colonização, como também foi para muitos outros impérios, construía um ideal de grandeza que se escorava na nomeação do colonizado como *Outro*: o espelho que retornava para o Império a imagem do centro. Margarida Calafate Ribeiro (2004) observa que a dialética colonial elaborada por Portugal era um modo de “imaginar-se como centro”, fortalecendo uma imagem de grandeza perante a Europa:

Parece-me assim ser possível adiantar que as imagens de centro, construídas por Portugal, vêm rodeadas de fantasmas de periferia e que, de forma simétrica, as imagens de periferia estão frequentemente imbuídas de fantasias de centro. Assim, e para além das imagens de centro e periferia apontadas por Sousa Santos como resultado da nossa condição semiperiférica, insinuo aqui a existência de um complexo de imagens que irei definir como imagens de “império como imaginação do centro”, e que refletem a condição pouco assumida, mas ansiosamente sentida por vários políticos e intelectuais, ora de Portugal como centro precário do império, ora mesmo como periferia imperial que, através do império, foi podendo imaginar-se como centro. (RIBEIRO, 2004, p.6).

De modo semelhante, a ambiguidade da relação entre portugueses e imigrantes do leste europeu ilustrada em *o apocalipse dos trabalhadores* (2013) demonstra como a cultura portuguesa ainda se vê por uma perspectiva colonial, capaz de se sentir “grande” diante do *Outro* vindo de um país mais periférico, “éramos grandes *longe*, fora de nós, no Oriente de sonho ou num Ocidente impensado ainda” (LOURENÇO, 2016, p.28).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Homens, mulheres, nações

Quando Andriy chega a Portugal, a ênfase dada pela narração refere-se principalmente à sua beleza física. A sua relação com Quitéria também é marcada por esse interesse em sua beleza, como se o corpo de Andriy, homem do leste, fosse diferente e mais bonito do que os corpos dos homens portugueses:

a quitéria não sentia qualquer paixão pelo andriy, não sentiria nada senão desejo, e a beleza dele, no esplendor dos seus vinte e três anos, era ofuscante para as necessidades sexuais que com ele satisfazia. era isso. era apenas isso, um homem jovem, forte, ávido, profundamente belo, que ela recebia para, com todos esses atributos, se deixar enlouquecer de prazer. (MÃE, 2013, p.49).

O personagem Andriy é construído como homem forte e belo. A mesma ênfase nos corpos fortes e belos é dada aos outros personagens do leste. É no elogio à beleza dos homens do leste, diferentes dos homens portugueses, com seus corpos esculpidos pelo intenso trabalho, que é possível perceber o olhar encantado pelo outro, assim como a objetificação desses corpos. Nesta relação ambígua, em que as mulheres olham encantadas para os homens do leste, em comparação com os homens portugueses, há também a objetificação das mulheres portuguesas pelos homens do leste que as descrevem como “gordas” e “fáceis”. Os homens imigrantes do leste redimem-se da sua marginalização naquela sociedade, do sentimento de inferioridade por serem meros trabalhadores braçais, construindo-se como homens mais fortes e bonitos que os portugueses, capazes de satisfazer sexualmente as mulheres portuguesas:

o mikhalkov surpreendeu-se, sorriu e reparou no agitado das mãos da mulher. Um rubor na pele que lhe exalava ar, poros todos, como a sofrer. O mikhalkov pousou o que trazia na mão, entrou na casa de banho e tomou-a sem licenças. Ela disse-lhe, por favor, por favor. Ele não



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

teve dúvidas de que lhe implorava que a tivesse. Era uma gorda portuguesa, como as outras, raça em que se especializara e da qual extraía realmente motivo para sobreviver em Portugal.. (MÃE, 2013, p.111-112).

Assim, ambos sujeitos subalternos e de lugares periféricos, olham-se de formas objetificadas ou minorizadas, mesmo que em uma estranha moldura de encantamento. A objetificação e minorização do outro, este que ao mesmo tempo encanta e é detestável, é a forma com que ambos redimem-se de suas marginalizações. O imigrante do leste em Portugal é ao mesmo tempo aquele que deve trabalhar nos serviços que os portugueses menosprezam, como também é o homem forte e belo capaz de satisfazer sexualmente as mulheres portuguesas:

e o mikhalkov contava-lhe tudo sobre as mulheres portuguesas e o andriy sorria, como sempre, já tão desimportado com tudo isso. discutiam a facilidade das gordas portuguesas, atacadas de pequenez e redondas formas, e como haveriam elas de não sucumbir aos homens do leste, aperfeiçoados ainda pelo trabalho duro que, nos primeiros anos, lhes conferia a definição dos músculos e lhes morenava os rostos. o andriy já havia pensado que o melhor de ter entrado em Portugal estaria nessa transgressão fácil das alianças nacionais, para se colocar acima das convenções sociais que, para ele, não precisariam de significar nada. era dizer que as mulheres lhe apareciam como iguais, sem vínculos a outros homens, apenas estariam diante dele como um corpo a usar. (MÃE, 2013, p.47-48).

O narrador de *o apocalipse dos trabalhadores* joga com esse olhar inferiorizado dos portugueses sobre si mesmos e o transfere para a compreensão dos imigrantes do leste, principalmente a visão de Andriy sobre os portugueses, assim como o encantamento das mulheres portuguesas pelos homens do leste.

Portugal, que vê a si mesmo tanto pelo prisma do esplendor do passado quanto pelo sentimento de inferioridade pela posição do presente, compreende este outro, de outra cultura, em encantamento e menosprezo, do mesmo modo que elaborou Boaventura de Sousa Santos (1999) sobre o aspecto da ambiguidade na identidade portuguesa:

O fato de Portugal ter sido, durante muitos séculos, simultaneamente o centro de um grande império colonial e a periferia da Europa é o elemento estruturante básico da nossa existência



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

coletiva [...]. Talvez resida aqui o “mistério” da coexistência no “homem português” do complexo de inferioridade perante os estrangeirados ao lado de uma hipertrofia mítica gerando megalomanias e quimeras (SANTOS, 1999, p. 59-60).

Para contar a história de Andriy, o *outro imigrante*, Valter Hugo Mãe busca, a partir de signos da cultura portuguesa e da história da Ucrânia, produzir um diálogo entre o olhar do estrangeiro e o olhar sobre o estrangeiro, intensificando a discussão sobre migração como uma experiência intensa de alteridade. Nesse sentido, os signos históricos da cultura ucraniana chocam-se com as experiências de Andriy no país lusitano. É esse diálogo que marca também a experiência de imigração de Andriy como uma busca de felicidade.

Enquanto a fome é o elemento simbólico para a partida do personagem e remete também ao período em que muitas pessoas morreram de fome na Ucrânia, em Portugal Andriy tem sua primeira oportunidade de trabalho em uma pizzeria. Essa oposição simboliza que a sua fome começa a ser saciada, “no seu primeiro dia de trabalho em Portugal, o andriy aprendeu a fazer pizzas” (MÃE, 2013, p.81). Nesse trecho a fome está em contraponto com a fartura, a comida como um elemento importante na cultura portuguesa e a fome que se refere ao *holodomor*, episódio da história ucraniana conhecido como “Grande fome da Ucrânia”.

Genocídio, para alguns historiadores, o *holodomor* foi a consequência da restrição de alimentos ocasionada pelo governo soviético liderado por Stálin, causando milhares de mortes por inanição, nos anos de 1932 e 1933, na Ucrânia:

sete milhões de ucranianos morreram à fome nos anos trinta e dois e trinta e três do século vinte, e a ekaterina sentava-se à mesa como aterrorizada com a falta da sopa por um dia que fosse. para si, a fome era algo que observava de perto, como se estivesse à espera de uma distração sua para a abater. a grande fome ucraniana sentava-se todos os dias à mesa da ekaterina e do sasha, que ficavam a gerir sopas, mesmo as mais fartas, com o compromisso de quem, mais tarde ou mais cedo, não teria o que comer. era o século vinte todo em cima das suas cabeças. os sete milhões de mortos à fome, os sete milhões de mortos na segunda guerra mundial, e os mortos mais os afetados pela catástrofe de chernobyl. (MÃE, 2013, p.65).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Outras oposições no diálogo entre as duas culturas também marcam a relação de alteridade a partir da experiência da imigração. Enquanto a Ucrânia é pintada em sua frieza e tristeza, Portugal é o país cheio de sol em que a revolução foi feita com flores, como é possível perceber no diálogo dos pais de Andriy:

e achas que portugal é um país bonito, sasha, perguntou a mulher. claro que sim, é lindo. sabes, são lindos todos os países com um povo delicado, e em portugal, amor, fizeram uma revolução com flores. tens certeza. absoluta. puseram flores nas armas e conquistaram a liberdade. a ekaterina fechou os olhos por uns instantes, e mesmo tão rente à loucura do sasha acreditou num portugal justo, onde o seu filho estaria bem, fazendo amigos, trabalhando para um futuro belo, tão belo o filho, tão sofrido, tão bom rapaz. (MÃE, 2013, p.80-81).

Portugal é visto pelos personagens ucranianos como um país solar, simbolizando a esperança que esses personagens buscam na experiência de imigração. A interpretação de Sasha sobre a Revolução dos Cravos, datando a história da abertura política de Portugal do regime ditatorial do governo de Salazar, é oposta ao que conta sobre a história da Ucrânia: “tu achas mesmo que é possível fazer uma revolução com flores, sasha, e a nossa que foi então. não quero falar sobre isso agora. nada foi nosso, apenas a fome e a vitimização” (MÃE, 2013, p.82).

O encontro entre Andriy e Quitéria é significativo para entender essa alteridade. Quitéria e Andriy representam além de sujeitos subalternos, como a mulher-empregada doméstica e o imigrante, os países Ucrânia e Portugal. Nesse diálogo, tem-se exposta a situação de dois países periféricos que se conectam pela história de migração. É na diferença entre esses dois personagens que se olham, e nesse movimento do olhar encontram traços culturais, que o leitor conhece a história, a cultura e a problemática contemporânea de dois países distintos. Países, como já dito, pintados em tons diferentes, a Ucrânia fria, pálida e inteligente como Andriy; Portugal, quente, solar e ignorante como Quitéria.

Mas essas características não são dadas apenas pela voz do narrador, são expressões dos olhares dos próprios personagens que em situações de alteridade buscam encontrar nas



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

diferenças culturais o significado para a impossibilidade ou dificuldade de suas relações afetivas, como mostram os diálogos entre Andriy e Quitéria, assim como os olhares que trocam procurando o entendimento um do outro:

isto é que está a ser um inverno dos frios, comentava ela. imagino que para ti não seja demais mas, para nós, é terrível. e a casa dela não tinha aquecimento, pelo que o corpo nu dele parecia esfriar mais ainda o quarto, como se a pele descoberta fosse indutora de todo o frio da casa e prejudicasse gravemente a beleza de ali estar aquele homem nu. (MÃE, 2013, p.43).

Nessa descrição, a ênfase no frio revela a distância entre Andriy e Quitéria. Ainda desconhecidos um para outro, pela dificuldade de fala de Andriy e pelo julgamento de Quitéria, a diferença cultural, marcada pela imagem de cada país, desloca-se para os corpos dos personagens.

A felicidade das máquinas

É a partir da relação com Quitéria que Andriy vê-se compelido a falar de si e da história que revela o drama da sua partida: “eu estar não feliz, meu pai mais doente e minha mãe com maldade em ucrânia, eu pensa nisso sempre e não tem pensar outra coisa” (MÃE, 2013, p.43). Mas a incapacidade de comunicação com Quitéria, o único vínculo nativo que mantém, transforma sua sensibilidade em endurecimento. Quitéria julga que a sua confissão é uma maneira de arrancar-lhe dinheiro. Tão endurecida que está pela rotina de exploração no trabalho de mulher-a-dias, ela não percebe a transformação dos seus sentimentos pelo ucraniano:

e a quitéria enrolava-se num robe barato e calçava uns chinelos garridos e não sabia se o devia impedir de sair tão abruptamente. no imediato, achava que fora necessário colocar-lhe aquele travão, não fosse ele julgar que se serviria da intimidade física com ela para lhe sacar um bem-estar pelo qual lutara a vida inteira. por outro lado, o rosto pesado do jovem rapaz, as poucas palavras e as frases tão dificilmente construídas mostraram-lhe que ele estaria como um



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

peixe fora de água, ali tão reduzido à sobrevivência, apenas um animal a precisar de respirar. (MÃE, 2013, p.44).

É esse primeiro choque com o outro, Quitéria, com quem pensa poder estabelecer uma forma de afeto que o faça suportar a sua realidade, que Andriy começa a sentir-se estrangeiro, distante de Quitéria, assim como do país em que ousou chegar:

e ele recuou. os olhos vidraram-se, umedeceram levemente e perceberam a distância de anos-luz a que estava daquela mulher e o quanto fora ingênuo por lhe ter falado dos seus problemas. começou a vestir-se com acelerada necessidade de se pôr lá fora, sabia, tão ali à mostra, que ainda que fossem duas pessoas de um grande mundo, tinham evoluído como dois bichos diferentes, feitos de cabeças muito distintas e amadurecidas por processos tão díspares que qualquer semelhança entre eles não deveria ser procurada para além do encaixe anatómico que favorecia o sexo, e mais nada. mais nada, dizia-lhe ele, não quer falar mais nada. eu sair agora e desculpa... (MÃE, 2013, p.43)

Essa distinção acentua-se pelo desencontro com o outro. A partir daí, Andriy percebe sua realidade no país estrangeiro como uma máquina pronta a sustentar a engrenagem de trabalho naquele lugar. É pelo desencontro com Quitéria que Andriy assume ser máquina e elabora uma aprendizagem de endurecimento:

o andriy não estava com vontade de ouvir nada. ficava masculino, calado de chumbo a querer empedernir para secar todos os sentimentos. se pudesse, esquecia-se de ser emotivo, gostava de acreditar que a vida podia existir apenas como para uma máquina de trabalho perfeita, incumbida de uma tarefa muito definida, com erro reduzido e já previsto, e com isso atender ao mais certo objetivo, enviar algum dinheiro para a família na ucrânia, e nem pensar muito nisso e nunca dramatizar a questão. depositar o dinheiro, saber que seria levantado lá tão longe, e mais nada, pensar no ato como um ofício a mais, um item nos seus afazeres, retirar daí a felicidade das máquinas, uma espécie de contínuo funcionamento sem grandes avarias ou interrupções. (MÃE, 2013, p.47).

A transformação em máquina do personagem Andriy remete a exploração da sua força de trabalho. A metáfora da máquina na construção desse personagem percorre a narrativa à medida que a sua trajetória enfatiza o cotidiano exaustivo de trabalho, o desencontro emocional com Quitéria e a falta de notícias sobre a família na Ucrânia. Nessa aprendizagem do endurecimento, da coisificação que supõe uma desumanização do personagem,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

objetificado pelo trabalho e por sua relação com Quitéria, personagem também desumanizada, Andriy busca reconstruir-se como outro, apagando seus traços de sensibilidade, masculinizando-se, tornando-se inócuo, mecânico:

o mikhalkov estaria em casa em muito pouco tempo, assim como os outros, e ficar para ali a chorar seria deitar por terra a regra mais básica da sobrevivência e progressiva metamorfose para máquina. o que diriam os outros, se o encontrassem ferido de saudade ou tão injusta condição. era melhor que empedernisse verdadeiramente, muito masculino, um corpo bruto, por mais belo e claro que parecesse, preparado para abrir caminho na ferocidade de um país alheio. (MÃE, 2013, p.47).

Sem preocupar-se com os sentimentos que oculta, a saudade e preocupação com a família, o rancor e tristeza pela rejeição de Quitéria, maquinizando-se para suportar as metas que propôs a si para cumprir, como em uma esteira de produção, Andriy procura homogeneizar-se, tornar-se igual aos outros imigrantes que em suas experiências de adaptação ensinam-no a tornar-se máquina:

para se ser uma máquina feliz, sabia-o bem o andriy, havia que manter-se cuidado e, por isso, ele acabara substancialmente com as saídas e as cervejas. o mikhalkov tinha-lhe dito que, no primeiro ano, à custa de não se poder falar, o melhor era beber a cada noite o suficiente para deixar de pensar nisso. não pensas, não falas, não queres falar. e o andriy passou também o seu ano calado à força de beber demasiado e adormecer quente de álcool. é importante perder a lucidez para não existir qualquer necessidade de ser entendido, repetiu o mikhalkov. mas agora passou, já falas, já tens mulheres, não importa beberes tanto. importa beberes menos, muito menos. e o andriy parou, viu-se como um competente administrador das suas penas, pondo-lhes fim, uma a uma, com força de ferro. (MÃE, 2013, p.54-55).

Andriy também é um personagem que é construído a partir da sua impossibilidade de fala. Diferente de outros personagens da trama que falam por si, pois o narrador desloca sua voz para a voz do personagem, como Quitéria, por exemplo, Andriy é sempre intermediado pela voz do narrador, como se o narrador pudesse suprir a sua impossibilidade de expressão na língua que lhe é estrangeira. Na trama, o narrador busca relatar os sentimentos, mas raramente vê-se Andriy dizê-los. Essa articulação remete não somente à sua dificuldade de expressar-se em português, mas ao sentimento de emudecimento, que, atrelado à sua maquinização, o constrói como um sujeito sem voz, objetificado:



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

pensava, o tempo vai compor tudo se ao longo do tempo cada objetivo se cumprir. resultados, pensava, resultados. sorriu. mesmo que os pais tivessem emudecido para sempre, o andriy sorriu. e os pais, estranhamente, emudeceram para sempre, ficando o filho sozinho no país das flores, forçando o coração a ganhar foles, deitar fumo, substituir o sangue por óleo, verter para os outros órgãos como dentro de um motor, tendo radiador, ventoinhas, estruturas inoxidáveis no caminho do esqueleto, propulsores, tubos comunicantes, roldanas, anilhas e parafusos, mecanismos dentados como a ferrarem-se impiedosamente uns nos outros e para sempre, visores perfeitos para o futuro coberto de ouro, já muito mais fácil de existir. (MÃE, 2013, p. 83-84).

A metáfora da máquina, da coisificação do outro-imigrante presente na caracterização do personagem Andriy, alia-se à compreensão acerca da imigração abordada pelo teórico Abdelmalek Sayad. Em seu livro *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*, Sayad (1998) examina a questão da imigração a partir da condição dos imigrantes argelinos na França. Para Sayad (1998, p.54), “Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”, e destaca também que “Um imigrante só tem razão de ser no modo provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, e lá onde se precisa dele” (MÃE, 2013, p.55). Desumanizado em suas relações afetivas, Andriy só encontra razão de ser no trabalho, este que o endurece e o torna mecânico, concentrado em sua busca pela “felicidade das máquinas”, pela vontade em “ganhar na vida”, em ganhar dinheiro. Em sua delirante procura por trabalho, ele começa a imaginar um futuro de riqueza que na narrativa é simbolizado pela visão do “homem de ouro”.

Elemento mágico na trama, a visão do “homem de ouro”, imagem de um objeto que Andriy deixara na Ucrânia, um mealheiro, representa o delírio da busca por “vencer na vida” do personagem, cada vez mais maquinizado pelo desejo de conquistar dinheiro a partir do trabalho ininterrupto:

o homem de ouro vinha pelo andriy, porque ninguém percebia aquilo, porque só o que a sua cabeça inventava. o rapaz olhava para diante e era como um filme projetado em tela, vindo dos



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

seus olhos para as traves tombadas no chão, de onde o homem de ouro ficava a observá-lo, quieto, sem ensejo de conversa, apenas a exposição do brilho intenso da riqueza, da metalização do corpo com o mais nobre dos metais. o rapaz comia o que ele próprio preparara e recuperava uma atitude implacável num segundo. estava a caminho da felicidade, nada o demoveria da felicidade, essa métrica preestabelecida e rigorosa que organizava os seus dias e o levava a cumprir todos os objetivos. (MÃE, 2013, p.83)

Andriy apenas começa a perceber que está tornando-se máquina quando esta avaria. Ao começar a entender-se com Quitéria, ao visualizar um afeto possível de concretização, a aprendizagem da máquina torna-se ineficaz. A máquina quebra. O corpo volta a ser humano, passível de erro, passível de afeto:

a quitéria sentiu que o andriy chegava mais fechado. mesmo que o silêncio fosse um pacto entre eles, o silêncio dele era mais fremente, como tinindo muito atraído pelo nervoso dos músculos, pela intensidade do olhar parado a cada passo. a cada dia, o sexo poderia resultar melhor, mais agreste como elementar e tão animal, mas a quitéria talvez não pudesse já disfarçar o interesse imperioso de se aproximar dele, de o receber de um modo mais completo, como quem quer tudo. num domingo, pela tarde, muito poucos minutos depois de ele entrar e se juntarem na cama, a máquina avariou-se gravemente. rigorosamente, começou a estrebuchar como por falta de combustível, o barulho gutural e intenso, depois um esticão mais longo e muito breve até ficar imóvel. a quitéria retirou as suas pernas de debaixo da máquina e aproximou o olhar da cabeça. levou, ato contínuo, a mão ao rosto do rapaz. estava desligado. os olhos abertos sem expressão, completamente ausentes. o andriy desligara-se numa agonia comovedora. ela beijou-lhe o ombro, aproximou-se como abraçando-o e disse-lhe, eu sei, eu sei, andriy, não tenhas medo de mim, nunca mais tenhas medo de mim. (MÃE, 2013, p.97-98)

A máquina havia se apaixonado. Andriy não tinha mais combustível para perseguir a felicidade mecânica das máquinas. O amor foi uma interrupção. É nesse momento que o desejo opera um agenciamento, nos termos de Deleuze e Guattari (2003), uma linha de fuga, um modo de escapar de uma homogeneização coisificante que o capitalismo impõe sobre os corpos que transforma em máquinas. A máquina então deseja, vira desejante, entra em devir, deixa de ser máquina:

A linha de fuga faz parte da máquina. No interior ou no exterior, o animal faz parte da máquina-toca. O problema: não ser absolutamente nada livre, mas encontrar uma saída, ou então, uma entrada, um lado, um corredor, uma adjacência, etc. Talvez seja necessário ter em conta vários factores: a unidade puramente aparente da máquina, a posição do desejo (homem ou animal) em relação a ela (DELEUZE; GUATTARI, p.26, 2003).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Logo, Andriy e Quitéria reconhecem-se como “outros”, diferentes, mas unidos pelo afeto, “As máquinas desejanter são paradoxais. Elas só funcionam avariadas” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p.38-39). Andriy sente-se mais confiante para falar, menos perdido em suas metas e planos. Esta mudança é sinalizada também pelo modo como a narração começa a encontrar a “voz” do personagem que passa a “falar” mais na trama, não só pela intermediação do narrador, mas também em seu próprio discurso. Encontrando em Quitéria uma companheira, Andriy começa a tornar-se humano novamente:

ele tinha medo, porque por ela perderia a possibilidade de ser feliz e voltaria à sua condição humana para aceitar que não suportava a ausência de notícias dos pais ou a fixação mais complexa por um sentimento que, genericamente, se chamaria amor. não foi nessa tarde que falou com a quitéria sobre a loucura que se tornara, e na verdade sempre fora, a sua vida. mas assumiu algo fundamental para os dois. tombado naquela cama, permaneceu horas inerte e sem solução, como abandonado ao cuidado daquele nada. acompanhado, pela primeira vez, numa quebra de tudo. numa falha que o expunha à quitéria, irremediavelmente vulnerabilizando-se e, sem o formular, confiando nela, como dependendo dela, oferecendo-se e aceitando-a também. (MÃE, 2013, p.98-99).

Desse modo, Andriy passa a existir mais completamente na narrativa, percebe-se que o discurso do personagem, que na narrativa é conhecido somente pelos seus pensamentos e frases curtas, agora é expresso em discursos mais longos. Era o momento que se assinalava pela entrega dos dois personagens à força do afeto:

o rapaz endurecia os seus modos com ela, coisa que agradava à mulher tanto quanto a assustava. se a tomava muito mais macho, trazendo ao de cima uma virilidade que a potenciava enquanto mulher, também era certo que a enfraquecia, mas não exatamente no aspecto físico, enfraquecia as suas defesas, as guardas levantadas diante do coração. porque a permissividade da quitéria era proporcional ao gosto que lhe dava tê-lo. tê-lo concretamente a ele, não outro qualquer, português, ucraniano, brasileiro. aquele era o homem pelo qual ela, ainda sem muito admitir, ia esperando. o homem que não lhe prometia nada. apenas tão criado a motor quanto irreversível para que se viciassem um no outro, mudamente a conseguirem concordar na tácita vontade de se terem um ao outro. levaria ainda algum tempo até que ambos entendessem o que lhes acontecia. um tempo no qual teriam de recorrer às palavras, mais tarde ou mais cedo necessárias para fazer, na verdade, a fundição das pessoas. (MÃE, 2013, 93-94).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

À medida que os dois personagens se encontram em suas condições marginalizadas, a transformação em máquina do personagem Andriy torna-se falha. Logo, o final feliz dos personagens é anunciado pela metamorfose da metáfora da máquina: “quando se punha na rua podia inserir-se entre os carros como um deles, mas ao centro do peito algo se modificava, muito à revelia do que imaginava. como se a máquina ganhasse guelras, por exemplo, e ele pudesse, querendo, respirar debaixo de água” (MÃE, 2013, p. 94). Quanto à impossibilidade de fala de Andriy, era também pela sua língua materna que ia, aos poucos, encontrando a si mesmo:

o andriy respondeu, lysenko, mykola lysenko. a quitéria sorriu e ele explicou-lhe que fora um compositor ucraniano. fizeram-se algumas caixas de música com as suas melodias e a ekaterina conservava uma, muito antiga, que lhe ficara como relíquia da felicidade mais remota. ele começou a entoar a melodia numa afinação pouca mas esforçada e tão melancólica. (MÃE, 2013, 162-163).

Ao lembrar de uma composição clássica de seu país, Andriy vai humanizando-se com a memória da sua própria cultura. Assim, tornando-se humano novamente, ele e Quitéria encontram o afeto que foi impossibilitado pelo embrutecimento da exploração de suas condições sociais. A volta de Andriy para a Ucrânia, à procura de notícias dos pais, é também um reencontro consigo mesmo e com sua humanidade. Mas a oportunidade de encontrar os pais é dada por Quitéria, que compra para os dois passagens para a Ucrânia. É pelo encontro, pelo gesto do outro, de Quitéria, que Andriy reencontra-se a si, assim como Quitéria reencontra-se pelo amor. Ambos se humanizam pela alteridade:

no lado de lá daqueles papéis, o andriy percebeu o resto da vida. abraçou-se àquela mulher numa convulsão tão grata que lhe sentiu amor como apenas aos pais sentira. um outro amor, mas igualmente absoluto e votado à eternidade. dizia-lhe, obrigado, quitéria, muito obrigado. e ela desfazia-se em coração e não imaginara nunca que aquele gesto poderia ser o mais mudador de toda a sua vida. aceitou aquele abraço pelo lado mais interior do amor, rasgando com o passado a costumeira ferocidade. naquele instante, a quitéria acreditou que descobrira o mais inatingível da existência. agarrou-se ao andriy e agradeceu-lhe como pôde pela oportunidade única de se humanizar daquela maneira e percebeu a inteligência mais secreta de todas. esta é a inteligência mais secreta de todas, o amor. (MÃE, 2013, p. 182-183).



Considerações finais

A escrita de Valter Hugo Mãe mostra-se atenta aos temas que estão na ordem do dia, a partir da preferência por representar as vidas que estão à margem. Mãe é provavelmente um dos mais importantes escritores de língua portuguesa da atualidade, cuja obra pode ser lida como o esforço de representação do marginalizado, em uma busca por pensar, principalmente, a condição atual de Portugal, cara à Literatura Portuguesa Contemporânea que, no pós-ditadura, em consequência da crise identitária do país, tentou repensar os valores, a memória e a inclusão de novos sujeitos à história do país.

As obras de Mãe operam, portanto, um *devoir minoritário* (DELEUZE, 1997), pois busca na experiência “menor”, a fuga de um espaço “maior” que é autoritário e repressor. É por isso que a sua escrita apela para as minúsculas, pois elas podem representar o próprio sujeito minoritário ou ser a expressão da menorização desse sujeito, já que essa estratégia sugere também uma maneira de transpor para a escrita a concretude da oralidade.

É pelas brechas das experiências maiores, a Europa das grandes civilizações, que se esconde a experiência aterradora do fascismo, do machismo, da homofobia e da xenofobia. Experiências que só são possíveis de serem observadas e analisadas pela via minoritária, a partir do olhar para os modos de vidas que estão à margem, excluídos, apagados, silenciados, varridos para debaixo do tapete das grandes cidades e das potências mundiais. É por isso que Valter Hugo Mãe prefere a periferia, os espaços rurais, as aldeias ou as cidades que estão a meio caminho da metrópole, como a Bragança de *o apocalipse dos trabalhadores* (2013).

É em *o apocalipse dos trabalhadores* (2013) “o direito de fuga” do *outro-imigrante* é representado em sua subjetividade, transformando o imigrante em sujeito. Na história de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Andriy, encontra-se a figura de um outro social cada vez mais invisível na sociedade. A questão do imigrante, principalmente na Europa, é um tema urgente e contemporâneo. Valter Hugo Mãe consegue, pelo elo formado por esses personagens subalternos e de países periféricos, discutir temas importantes para o pensamento sobre a contemporaneidade. Em um romance que trata principalmente sobre a exploração da força de trabalho, ilustrar o encontro e a união entre sujeitos marginalizados é simbólico.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da Criação Verbal*. Prefácio a edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAGANHA, Maria Ioannis; MARQUES, José Carlos; GÓIS, Pedro. Novas migrações, novos desafios: a imigração do leste europeu. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Número 69, outubro de 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbert. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.
- MÃE, Valter Hugo. *O apocalipse dos trabalhadores*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MEZZADRA, Sandro. Direito de fuga. In: DIAS, Bruno Peixe; NEVES, José. (coordenação). *A política dos muitos: povo, classe, multidão*. Lisboa: Tinta da China, 2011.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma História de Regressos. Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*, Porto: Afrontamento, 2004.
- SANTOS, Boaventura Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na Pós-modernidade*. Porto, Afrontamento, 1993.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.